Qorpo Santo

EU SOU A VIDA; EU NÃO SOU A MORTE

Comédia em dois atos

PERSONAGENS

Lindo
Linda
Rapaz
Manuelinha, *filha de Linda*

ATO PRIMEIRO

Lindo e Linda

LINDA - *(cantando)*

Se não tiveres cuidado,
Algum Cão danado
Te há de matar;
Te há d'estraçalhar!

LINDO -

Eu sou vida;
Eu não sou morte!
E esta minha sorte;
É esta minha lida!

LINDA -

Ind'assim, toma sentido!
Vê que é tudo fingido;
Não creias algum louvor:
Sabei: - Te trará dor!d

LINDO -

Se desrespeitará
A vida minha?
A desse, asinha,
- Ao ar voará!

LINDA -

Não te fies, meu Lindinho,
Dos que te fazem carinho,
Crê que te devoram
Os lobos; e não coram!

LINDO -

Sabei, ó Lindinha:
Os que me maltratam
A si se matam:
Tu ouve; Anjinha!?

LINDA - Meu Lindo, tu sabes quanto te amo! Quanto te adoro! Sim, meu querido amigo, quem melhor conhece do que tu o amor que neste peito mortal, mas animado por esta alma *(pondo a mão na testa)* imortal, te consagro!? Ninguém, certamente. *(Pegando-lhe na mão.)* Adoças-me pois sempre com tuas palavras; com teus afetos; com teu amor ainda que fingido! Sim, meu querido amigo, bafeja-me sempre com o aroma de tuas palavras; com o perfume de tuas expressões! Sim, meu querido, lembra-te que hei sido baixel, sempre batido das tempestades, que por cinco ou seis vezes quase há soçobrado; mas que por graça Divina ainda viaja nos mares tempestuosos da vida!

LINDO - Ah! minha adorada prenda, tu que foste a oferenda que me fez o Criador, em dias do mais belo amor, que pedes? Como pedes àquele que tanto te ama; mais que à própria cama?

LINDA - Há! há! há! meu queridinho; quanto me deste; quanto me felicitaste com as maviosas expressões desses teus bofes, ou pulmões - envoltórios dos corações!

LINDO - Estimo muito. E eu não sabia que tu tinhas o dom de adivinhar que sempre que vou apalpar, sinto bater neste peito - pancadas de ambos os lados; isto é, do esquerdo e direito. O que por certo convence que neste vácuo estreito abrigo dois grãos corações.

LINDA - Há! há! há! Eu não digo *(à parte)* que este figo me foi enviado por cão danado? Quer me fazer crer que tem dois corações. *(A ele:)* Amiguinho, ainda não sabes de uma cousa. Queres saber? Eu vô-la digo Hem? não responde!

LINDO - O que é; o que é, então!!?

LINDA - Ora *o* que há de ser! Ê que tu tens dois corações dentro do peito, eu tenho duas cabeças por fora dos largos seios.

LINDO - Tu és o diabo! Ninguém pode contigo! És tripa que nunca se enche, por mais que dentro se lhe bote. És vasilha que não chocalha. És... o que eu não quero dizer, porque não quero que se saiba.

LINDA - Pois já que me fazes comparações tão sublimes, eu também vou te fazer uma de que muito te deves agradar. Sabes qual é, não? Pois eu te digo: és o diabo em figura de homem! És... és... *(atirando com as mãos e caminhando de um para outro lado)* és... és! és! E então, que mais queres!? Quero comparações mais bonitas; mais finas; delicadas; e elevadas; ao contrário, ficaremos - figadais inimigos. Tem entendido, Sr. Sultãozinho? Pois se não tiver entendido, entenda!

LINDO - Bem. Vou fazer-lhe as mais mimosas que à minha imaginação abundante, crescente, e algumas vezes até demente - ocorrem! Lá vai uma: A Sra. é pêra que não se come!

LINDA - Essa não presta!

LINDO - *(batendo na testa)* É preciso arrancar desta cabeça, ainda que seja com - algum gancho de ferro – uma comparação que satisfaça a esta mulher; ao contrário é capaz de...

LINDA - E não se demore muito com as suas reflexões! Quero a comédia.

LINDO - Qual comédia, nem comédia! O que me comprometi a fazer-lhe foi comparação

bonita; e não comédia. Espere, portanto. *(Torna a bater na cabeça, mais no crânio. À parte:)* Já que da testa não sai, vejamos se tiro do crânio! Ah! sim; agora aparece uma; e que bela; que interessante; que agradável; que bonita; que delicada; que mimosa - é a comparação que vou fazer da Sra. D. Linda! ~ mesmo tão linda como ela! Tão formosa, como a flor mais mimosa! Tão rica, como a jorrosa bica! Tão fina, como a ignota si na! Tão... tão... tão... Quer mais? Quer melhor? não lhe dou; não lhe faço; não quero! *(A correr em roda dela:)* Não lhe dou; não lhe faço; não lhe dou; não lhe faço; não quero; não posso; já disse. *(Repete duas vezes esta última negativa.)*

LINDA - Este menino é o diabinho em figura humana! Dança, salta, pula, brinca... Faz o diabo! Sim, se não é o diabo em pessoa, há ocasiões em que parece o demônio; enfim, o que terá ele naquela cabeça!? *(Lindo medita em pé* e *com uma mão encostada no rosto.)* Pensa horas inteiras, e nada diz! Fala como o mais falador, e nada expressa! Come como um cavador, e nada obra! Enfim, é o ente mais extraordinário que meus olhos têm visto, que minhas mãos têm apalpado, que meu coração tem amado!

LINDO - Senhora: vou me embora *(Voltando-se rapidamente para ela, com aspecto muito triste, e salpicado de indignação:)* Vou; vou, sim! Não a quero mais ver; não sou mais seu!

LINDA - (com sentimento) Cruel! Tirano! Suíço! Lagarto! Bicho feio! Mau! Onde queres ir? Por que não te casas, inda que seja com uma negra quitandeira?

LINDO - Também eu direi; Cruel! Ingrata! Má! Feia! Por que não te ligas ainda que seja a um preto cangueiro?

(Entra um rapaz todo paramentado, bengala, 6culos, etc.)

O RAPAZ - *(para um,* e *depois para a outra)* Vivam, madamas; mais que todos!

LINDO - *(pondo-lhe as mãos, e empurrando)* O que quer pois aqui!? Não sabe que esta mulher é minha esposa!?

O RAPAZ - Dispense, eu não sabia! *(Voltando-se para Linda:)* Mas Sra., parece-me...

LINDA - O que mais?! Não ouviu já ele dizer que sou mulher dele!? O que mais quer agora? Agora fique solteiro, e vá casar com uma enxada! Não quer acreditar que não há direito; que ninguém faz caso de papéis borrados; que isso são letras mortas; que o que serve, o que vale, o que dá direito – é a aquisição da mulher!? Que quem se pega com uma, essa tem, e tudo o que lhe pertence! Sofra agora no isolamento, e na obscuridade! Seja solitário! Viva para Deus! Ou meta-se num convento, se quiser companhia. Não vá mais à reunião de outros homens.

O RAPAZ *(muito admirado)* Esta mulher está doida! Casou comigo o ano passado, foram padrinhos Trico e Trica; e agora fala esta linguagem! Está; está! Não tem dúvida!

LINDO - Já lhe disse *(muito formalizado)* que fiz esta conquista! Agora o que quer?! Conquistei - é minha! Foi meu gosto: portanto, safe-se, senão o mato com este estoque! *(Pega em uma bengala e arranca um palmo de ferro.)*

LINDA - Não precisa tanto, Lindo! Deixai-o cá comigo... Eu basto para nos deixar tranqüilos!

O RAPAZ - O Sr. tem estoque, pois eu tenho punhal e revólver! *(Mete a mão na algibeira da calça, puxa e aponta um revólver.)* Agora, de duas uma: ou Linda é minha, e triunfa o

Direito, a Natureza, a Religião ou é tua, e vence a barbaria, a natureza em seu estado brutal, *e* a irreligião!

LINDA - *(para o rapaz)* Mas eu o não quero mais; já o mandei para o leilão três vezes! Já o vendi em particular quinze! Já o aluguei oito! E já o libertei, seguramente por dez vezes! Não quero nem vê-lo, quanto mais tê-lo!

(O rapaz, gaguejando, querendo falar, e sem poder.)

LINDA - Até a voz de sabiá, lhe tiraram! Até o canto de gaturama, lhe roubaram! E ainda quer se meter comigo!

O RAPAZ - *(fazendo trinta mil caretas para falar,* e *sem poder; ultimamente, desprende as seguintes palavras:)* Ah! Mulher! mulher! diabo! diabo! *(Atira-se a ela,* o *revólver cai no chão; passa a derramar lágrimas, com os braços nos ombros dela, por espaço de cinco minutos.)*

LINDO - *(querendo levantar* o *revólver, que estava perto do pé do rapaz; este dá-lhe um couce na cara.)* Safa! Pensei que a mulher já o tinha matado com o abraço, metendo-lhe nas entranhas todo o veneno da mais venenosa cascavel; e ele ainda dá ares de vida, e de força, pregando~me na cara a estampa de seus finos pés! - um morto que vive! Bem dizia certo médico que era capaz de conservar vivo um cavalo depois de morto, por espaço de oito meses, sempre a andar; e creio que até a rinchar! - Demo! *(Atirando com a bengala.)* Não quero mais armas!

O RAPAZ E LINDA - *(desprendem-se dos braços um do outro; desce então uma espécie de véu, de nuvens, sobre os dois. Lindo quer abrigar-se também, e não pode: chora; lamenta; pragueja. Levanta-se rapidamente a nuvem, torna a descer sobre os três; mas separando aquele. Ouve-se de repente uma grande trovoada; vêem-se relâmpagos; todos tremem, querem fugir, não podem. Gritam:)* Punição Divina! *(E caem prostrados de joelhos.)*

SEGUNDO ATO

Cena Primeira

(Uma jovem *vestida de negro com uma menina por diante. Atravessa um cavalheiro.)*

A JOVEM - *(para este)* Senhor! Senhor! por quem sois, dizei-me onde está o meu marido, ou meu esposo, o meu amigo! *(O cavalheiro embuçado numa capa desembuçando-se)* Esquecestes que ainda ontem aqui o assassinastes com os horrores de tuas crueldades!?

ELE - Mulher! tu me conheces! Sabes quem sou, ou não sabes? *(À parte:)* Pérfida, cruel, ingrata! Vê seu marido diante de si, e apresenta-se a ele vestida de negro, luto que botou por sua morte.

ELA - *(afastando-o com as mãos, como querendo fugir)* Quem sois vós, ingrato, que assim me falais!?

ELE - Ainda perguntas. *(Sacudindo a cabeça.)* Ainda respondes. Quem sou eu? Desconheces o Lindo, teu afetuoso consorte, e ainda perguntas?!

ELA - Tirano! Foge de minha presença! Desprezaste os meus conselhos, não quiseste ouvir-me, e queixas-te. Bárbaro! Cruel! Eu não te disse que te não fiasses de pessoa

Alguma! Por que te fiaste!?

ELE - E tu, Maga Circe: para que me iludiste! Para que me disseste que eras solteira, quando é certo eras casada com o mais belo rapaz!?

ELA - Eu... eu... não disse: mas você... não ignorava; bem sabia que eu era mulher de seu primo! Ignorava? Penso que não! Para que me botou fora! Para que me procurou?

ELE - Não sei onde estou, não sei onde me acho, não sei o que faça. Esta mulher *(atirando-se, como para agarrá-la)* é o demo em pessoa; é o ente mais admirável que eu tenho conhecido! É capaz de tudo! Já não digo de revolucionar uma província, de pôr em armas e mesmo de destruir um Império! Mas de revolucionar o mundo, de fazer, de converter os grãos em terras e as terras em águas; de, se tal tentasse, fazer do globo que habitamos - peteca!

ELA - É muito exagerado. Que atrevido conceito de mim forma! Que audácia! Nem ao menos quer ver que fala diante de uma filha de nove a dez anos!

ELE - Que fazeis por estas paragens, onde não vos é mais dado vir, porque já vos não pertencem?!

ELA - *(com ar satírico* e *mordaz)* Procuro-vos, cruel.

ELE - Sim: procuras-me para de novo cravar-me o punhal da traição! És bem má... és muito má!

A MENINA - Papai! *(Aproximando-se dele.)* Que tem? Está doente? Me conte: - o que lhe aconteceu? O que foi? Diga, Papai) diga, diga! Eu o curo, se estiver doente. E se não estiver, a Mamãe há de curar!

ELE - *(tomando a menina nos braços; abraçando-a e beijando-a)* Minha querida filha! Quanto adoçam a minha existência tuas ternas e maravilhosas palavras! Quanto transformam os furores de meu coração, as doçuras de tuas meigas expressões. *[Para ambas:]* Quanto apraz-me ver-vos! *[Para a menina:]* Ah! sim! Tu és o fruto de um amor.. . Sim, és! Tua mãe, sem que eu soubesse, depois casou; procurou juntar-se a mim... iludia-me! Mas, querida filha, sinto uma dor neste peito. *(Desprendendo-se da filha.)* Este coração parece traspassado de dor. Esta alma, repassada de amargura. Este corpo, um composto de martírios! Céus... *(Arrancando os cabelos)* eu tremo! Vacilo!...

ELA - Célebre cousa! Quem havia de supor que este pobre homem havia de ficar no mais deplorável estado! Seu juízo é nenhum! Sua vista... não tem; é cego! Seus ouvidos, não têm tímpanos; já não são outra cousa mais que dois formidáveis buracos! Que hei de eu fazer dele!?
(Entra o Rapaz armado, vestido de militar, e com a mão no punho da espada)

O RAPAZ - Hoje decidiremos (à *parte)* quem é o marido desta mulher, embora esta filha fosse fabricada pelo meu rival. *(Desembainha a espada e pergunta para* o *rival:)* A quem pertence esta mulher? A ti que a roubaste... que lhe deste esta filha? Ou a mim que depois com ela liguei-me pelo sangue; pelas Leis civis e eclesiásticas, ou de Deus *e* dos homens!? Fala! Responde! Ao contrário, varo-te com esta espada!

LINDO - Ela quis; e como a vontade é livre, não podeis ter sobre ela mais direito algum!

O RAPAZ - Em tal caso... e se ela amanhã disser que não quer? E se o mesmo fizer no dia seguinte para com outro? Onde está a ordem, a estabilidade em tudo que pode convir às famílias *e* aos Estados!? Onde iríamos parar com tais doutrinas!? O que seria de nós? de todos!?

LINDO - Não sei. O que sei é que as vontades são livres; e que por isso cada qual faz o que quer!

O RAPAZ - Pois como as vontades são livres e cada qual faz o que quer; como não há leis, ordem, moral, religião!... Eu também farei o que quero! E porque esta mulher não me pode pertencer enquanto tu existires - varo-te com esta espada! *(Atravessando-o com a espada; há aparência de sangue.)* Jorra o teu sangue em borbotões. Exausto o corpo, exausta a vida! E com ela todas as tuas futuras pretensões e ambições! Morre *(gritando* e *arrancando a espada),* cruel! e a tua morte será um novo exemplo - para os Governos; e para todos os que ignoram que as espadas se cingem; que as bandas se atam; que os galões se pregam; não para calcar, mas para defender a honra, o brio, a dignidade, e o interesse das Famílias! A honra, o brio, a dignidade, a integridade Nacional!
(Lindo cai sobre um cotovelo; a mulher cobre-se com um véu e fica como se estivesse morta; a menina olha admirada para tão triste espetáculo.)

O RAPAZ *(voltando-se para a mãe* e *a filha)* De hoje em diante, Senhora, quer queiras, quer não, serás minha mulher, consorte, esposa! ~ tu, minha querida menina, continuarás a ser a mimosa dos meus olhos, a flor que aromatiza; a santa que me diviniza! Eis como Deus ajuda a quem trabalha! Depois de milhares de trabalhos, incômodos, perdas e perigos! Depois de centenas de furtos; roubos; *e* as mais negras atrocidades! Depois de uma infinidade de insultos; penas; crueldades; o que não pude vencer, ou fazer triunfar com a pena, razões, discursos, acabo de fazê-lo com a espada!
(Estende esta; e *assim deve terminar o Segundo Ato; e mesmo findar a comédia, que mais parece - Tragédia.)*

Maio 16 de 1866.
Por José Joaquin de Campos Leão Qorpo-Santo.

*

Já se vê pois que a mulher era casada, foi antes deflorada, depois roubada ao marido pelo deflorador, etc.; que passado algum tempo encontrou-se e juntou-se a este; que o marido sentou praça como oficial; e finalmente que para reaver sua legítima mulher, foi-lhe mister dar a morte física ao seu primeiro amigo, ou roubador.
São portanto as figuras que nela entram:
Lindo, *roubador.*
Linda, *mulher roubada.*
Rapaz ou Japegão, *legítimo marido.*
Manuelinha, *filha.*